

ASPECTOS SOCIAIS E POLÍTICOS DA POESIA DE NARCISA AMÁLIA

Gisele Oliveira Ayres Barbosa

USS - Universidade Severino Sombra – Vassouras – RJ

O século XIX, particularmente em sua segunda metade conheceu inúmeras mulheres que, através do uso da palavra escrita, tornaram-se exemplos de manifestação da expressão pública feminina.

O objetivo deste trabalho é o de traçar algumas considerações sobre a importância social e política da poesia de Narcisa Amália de Campos, intelectual fluminense que viveu na segunda metade do referido século. Além de poeta, Narcisa foi também jornalista, professora e ardorosa defensora dos direitos da mulher.

A escolha deste tema permitiu-nos o resgate de uma importante voz feminina de nossa região, o sul do estado do Rio de Janeiro. Por outro lado, atraiu-nos a possibilidade de vislumbrar a mais um encontro Literatura-História, onde a obra literária atua como testemunho de sua época. Pois, a nosso ver, a poesia de Narcisa Amália foi uma poesia profundamente engajada, inspirada nas preocupações sociais e políticas de sua época. Com coragem e determinação ela revê as estruturas vigentes, faz críticas, propõe mudanças e sonha com uma realidade mais justa. Algumas de suas preocupações – como a necessidade de dar ao povo acesso à instrução e à educação – permanecem atuais até nossos dias.

As considerações que traçaremos não tem por objetivo esgotar o tema em questão nem apresentar conclusões definitivas, pois se trata, antes de tudo, de uma análise interpretativa. Alguns aspectos sobre a autora – sua atuação como jornalista, sua luta pela melhoria da condição feminina, detalhes de sua vida pessoal – foram propositalmente omitidos em face de nossa opção temática.

Narcisa Amália de Campos nasceu em 3 de abril de 1852 em São João da Barra, estado do Rio de Janeiro. Viveu, contudo, a maior parte de sua vida em Resende, cidade que considerava sua terra e onde escreveu a maior parte de sua obra. Sua fase mais produtiva iniciou-se em 1870, quando Narcisa tinha apenas dezoito anos. Provavelmente exerceram influência intelectual sobre ela o pai, professor e poeta, a mãe, professora primária e também o avo, abolicionista e republicano de idéias liberais. Colaborou primeiramente com jornais locais e depois com jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo, através da publicação de artigos, tradução e, principalmente, poesias. Seu primeiro e único livro foi publicado em 1872, *Nebulosas*, seleção de alguns de seus poemas.

Historicamente, o período de maior produção de Narcisa coincide com a crise do regime monárquico no Brasil. O Império, tendo a frente D. Pedro II, conheceu seu apogeu a partir de 1850 apoiado na grande cultura cafeeira de mão-de-obra escrava. A partir de 1870 este sistema começa a apresentar sinais evidentes de crise face, inclusive, às restrições internacionais ao tráfico negreiro e à escravidão em si. Paralelamente difundiam-se as idéias republicanas alavancadas pela influência do Positivismo e pelas crescentes reivindicações políticas do exército. A Guerra do Paraguai (1865-1870) – pela participação de escravos como soldados e pelo papel de destaque que deu aos militares – contribuiu para acelerar este processo.

Abolição da escravidão e proclamação da República estes eram, portanto, as duas principais preocupações que povoavam a mente dos intelectuais contemporâneos a Narcisa. E ela não ficou alheia a estas influências. Em seus versos, ao mesmo tempo em que fala de sentimentos e temas familiares e do cotidiano feminino, também enfoca assuntos de cunho político, ideológico e social, iniciativa ousada para mulheres de sua época.

Influenciada por idéias liberais vindas da Europa, Narcisa Amália enxergava, com enorme lucidez, a função social da poesia. Para ela, além de entreter e proporcionar prazer ao ouvinte ou leitor cabia ao poeta, através de sua obra, atuar como agente transformador da sociedade em que vivia. Em artigo publicado no Jornal A República de 19.05.1873, Narcisa afirma que cabia ao poeta *deixar forçosamente as regiões fantásticas do idealismo para arremessar-se nas lutas ...*¹

Em 1874 na Introdução que escreveu a *Flores do Campo*, de seu conterrâneo e amigo Ezequiel Freire, ela diz.

*Longe, bem longe de nós já fica o tempo em que a missão do poeta era cantar nas praças públicas, coroado de mirtos e louros, os prazeres do amor e o triunfo das armas (...) O ideal de nosso século é a divindade que roubou a França ao abismo. a Liberdade*²

O papel social do poeta como criatura consciente das injustiças de sua época está presente na poesia *O Africano e Poeta*. Após descrever a tristeza e o desgosto do pobre cativo, ela afirma:

*Quem pensa ? – o poeta
Quem os carmes sentidos
Concerta aos gemidos
De seu coração*

¹ Jornal A República, Rio de Janeiro, 19.05.1873. apud OSCAR, J. **Narcisa Amália. Vida e Poesia**, p. 58

² AMÁLIA, N. Prefácio do Livro *Flores do Campo* de Ezequiel Freire

*Quem sente ? – o poeta
Que o elísio descerra
Que vive na terra
De místico amor !³*

E continua a descrever a triste sorte do escravo *que outrora foi bravo* para, no fim, concluir.

*Quem há-de ... o poeta
Que a lousa obscura,
Com lágrimas pura
Vai sempre orvalhar⁴*

No poema acima está presente o repúdio à escravidão e o lamento diante da situação desfavorável do escravo, como em *Vem*:

*O pobre escravo num langor benéfico
Recobra forças para a luta insana,
Lasso proscrito, todo o horror do exílio
Miseró ! – esquece⁵*

O tema aparece também em *Miragem*:

*Meu Deus, quando há-de esta raça,
Que, genuflexa, rebrama,
Erguer-se de pé unvida,
Das crenças livres na chama ?⁶*

Os principais acontecimentos da época não escapam ao olhar atento e à pena ágil de Narcisa. Nas duas primeiras estrofes do poema *Vinte e Cinco de Março* ela faz alusão ao Projeto de Constituição elaborado pelos membros da Constituinte de 1823, no qual todos os grandes princípios de liberdade eram solenemente reconhecidos. Em *Sete de Setembro* ela saúda a independência da

³ AMÁLIA, N. *Nebulosas*, p.83-85

⁴ Idem, *ibidem*

⁵ Idem, *ibidem*, p. 61-62

⁶ Idem, *ibidem*, p. 49-51

nação, mas demonstra reservas pela maneira como este se dera. Preocupa-se com a manutenção da liberdade, com a participação popular no processo e relembra antigos mártires.

*Ah! Não te esqueças (liberdade) deste augusto dia !
Ampara o débil povo que se curva
Ante um falso poder !
Desdobra tuas asas refulgentes
Sobre o luto funéreo em que repousa
O mártir Xavier⁷*

A liberdade é um dos temas favoritos de Narcisa. Guiada por “déis europeias liberais ela coloca sua pena a serviço dos princípios democráticos progressistas, da modernização das estruturas da nação e da elevação do nível cultural e material da população”.⁸ No poema *Pesadelo* ela faz referencia a Revolução Francesa e reafirma seu ideal.

*Salve ! oh ! salve Oitenta-e-nove
Que os obstáculos remove !
Em que o heroísmo envolve
O horror da maldição !
Rolam frontes laureadas
Tombas testas coroadas
Pelo povo condenadas
Ao grito – Revolução !*

*No pedestal da igualdade
Firma o povo a liberdade,
Um canto a fraternidade
Entoa a voz da nação
Que em delírio violento
Fita altiva o firmamento
E adora por um momento
A deusa – Revolução⁹*

⁷ Idem, ibidem, p. 56-58

⁸ TELLES, N. Escritoras, escrituras. In: **História das Mulheres no Brasil**, p. 419

⁹ AMÁLIA, N. op cit, p. 63-67

Narcisa condenava o regime imperial e julgava que só através da República poderia a nação alcançar a tão sonhada liberdade. Para ela a monarquia sorvia os recursos da nação e era enganadora.

*Roubaste ao povo a palma do triunfo,
Recompuseste a algema ao pé lançada,
E moldaste no bronze a estátua fria
Da mentira loquaz!*¹⁰

Mas ela ia ainda mais além. Achava que para que os ideais revolucionários de liberdade e igualdade fossem atingidos era necessário que se levasse educação ao povo pois, em palavras suas, *sem a instrução popular a democracia jamais passará de uma dourada quimera.*¹¹ O mesmo sentimento é demonstrado no poema *Condolências*.

*Há uma força real que tudo abraça
Que abala, que o sólio dos tiranos
Como esmaga o trabalho de mil anos
Quando livre, revolta ovante passa! (...)
- És tu, és tu, tremenda população! (...)
Como alçar-te na pátria, águia cativa (...)
Em vão suplicas da ciência a esmola
Se te abraza a razão áscua futura,
Abrem-te a detenção, fecham-te a escola!*¹²

A poesia vigorosa e engajada de Narcisa Amália alcançou enorme repercussão, principalmente após a publicação de seu livro, o que não quer dizer que não tenha sido alvo de inúmeras críticas, principalmente masculinas. Alguns destes críticos chegavam a elogiar-lhe o talento, mas sugeriam-lhe que mudasse de caminho, enquanto era tempo. Pois os padrões culturais da época não esperavam que uma mulher “tomasse posições”. Como afirma Norma Telles, entonações femininas deviam expressar surpresa, submissão, incerteza, busca de informações ou entusiasmo ingênuo. Uma mulher que falasse agressivamente ou afirmativamente, o que nos

¹⁰ Jornal A República, Rio de Janeiro, 25.03.1872. apud OSCAR, J. **Narcisa Amália. Vida e Poesia**, p.61

¹¹ TELLES, N. op cit, p. 420

¹² AMALIA, N. op cit, p. 36-37

homens era sinal de personalidade, era considerada mal-educada, tresloucada e até histórica. A não-afirmação social da mulher se repetia na sua não afirmação pela palavra.¹³

Na falta de argumentos literários e artísticos, elementos de ordem pessoal foram usados para atacar Narcisa: boatos difamatórios, acusações de atentado ao pudor e até infundadas suspeitas acerca da autoria de suas poesias.

E ela não era insensível a estas pressões. Em 1889, em carta ao jornalista Alfredo Sodré, lamenta: *como há de a mulher revelar-se artista se os preconceitos sociais exigem que o seu coração cedo perca a probidade, habituando-se ao balbucio de insignificantes frases convencionais* ?¹⁴

Até porque nossa poeta, que ganhava o mundo e atingia temas universais com seus versos, continuou, mesmo após o sucesso, confinada a uma vida simples em uma cidade do interior. Por volta de 1880, já conhecida nos meios literários, ela trabalhava numa padaria ao lado do segundo marido. Se em seus versos transparece uma mulher forte, revolucionária, que quebra tabus e rompe barreiras, os poucos detalhes de sua vida pessoal nos permitem supor uma conduta íntima menos ousada. Mesmo para a publicação de seu único livro, fez-se necessário o apoio do pai, seu grande incentivador, e do amigo, vizinho e também poeta Ezequiel Freire para que tomasse a coragem necessária. A poesia para Narcisa era um instrumento de luta pela liberdade – dos outros e de si mesma, na medida em que através desta vinham a tona suas mais profundas aspirações. As restrições feitas a esta, eram também restrições a sua pessoa. Os ataques impiedosos de seus críticos aliados a problemas de ordem pessoal foram aos poucos calando Narcisa. E sem a força de seus versos – veículo que lhe permitia alcançar os mais altos vãos – mudou-se para o Rio de Janeiro em 1889, numa espécie de exílio voluntário, fugindo dos insistentes comentários dos quais era vítima em sua cidade. Seus escritos foram rareando e passou a trabalhar como professora e a levar uma vida recolhida. A partir de 1902 sua produção literária cessou completamente a ponto de alguns julgarem-na morta.

Morreu na verdade em 24 de julho de 1924, aos setenta e dois anos, relativamente esquecida. O vigor que demonstrara em suas poesias não fora suficiente para vencer todos os preconceitos da época. Mas Narcisa não foi totalmente derrotada, pois seus escritos permaneceram como testemunho de sua obra e de sua luta. Estudos recentes procuram resgatar a importância de sua figura, conferindo-lhe um lugar de destaque entre as personalidades femininas do século XIX.

¹³ TELLES, N. op cit, p 423

¹⁴ Idem, ibidem, p. 424

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMÁLIA, Narcisa. **Nebulosas**. Rio de Janeiro: Garnier, 1872

FREIRE, Ezequiel. **Flores do Campo**. Rio de Janeiro, 1874

MULHERES FLUMINENSES DO VALE DO PARAÍBA. HISTÓRIAS DE LUTA E CONQUISTA DA CIDADANIA FEMININA. Rio de Janeiro: Conselho Estadual de Direitos da Mulher, s/d

PAIXÃO, Sylvia P. Narcisa Amália. In: **Escritoras Brasileiras do Século XIX** (org. Zahidé Lupinacci Muzart) . Florianópolis: Ed. Mulheres/Edunisc, 1999

RAMALHO, Christina. **Um Espelho para Narcisa. Reflexos de Uma Voz Romântica**. Rio de Janeiro: Elo, 1999

OSCAR, João. **Narcisa Amália. Vida e Poesia**. Campos: Lar Cristão, 1994

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto/UNESP, 1997